

Dança
15 Abril 2011

Vamos al tiroteo, versiones de un tiempo pasado

pela Compañia Rafaela Carrasco

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Baile Rafaela Carrasco, Ricardo López, Jonatán Miro, Pedro Córdoba, David Coria
Músicos Pablo Maldonado (Piano), José Luis López (Violoncelo), Jesús Torres, Juan Antonio Suárez “Canito” (Guitarra), Antonio Campos, Gema Caballero (Cante)
Coreografia e direcção Rafaela Carrasco **Composição** Musical Jesús Torres, Juan Antonio Suárez “Canito”, Pablo Maldonado, José Luis López **Desenho de luz** Gloria Montesinos (A.a.i)
Coreografia e figurinos Elisa Sanz **Som** Juan Benavides **Maquinista** José Rubini **Alfaiate** Pepa Carrasco
Produção executiva Alejandro Salade **Digressão** Intercambio de Cultura y Arte S.L. (Icart), M^a Trinidad Gutiérrez (icart@icart.es)

Sex 15 de Abril

21h30 · Grande Auditório · Duração: 1h05 · M12

Programa

Zorongo Gitano

Anda Jaleo

Sevillanas del Siglo XVII

Los Cuatro Muleros

Nana de Sevilla

Romance Pascual de los Peregrinos

En El Café de Chinitas

Las Morillas de Jaén

Romance de los Mozos de Monleón

Las Tres Hojas

Sones de Asturias

Aires de Castilla

Há sempre um passado e o flamenco está muito agarrado a ele.

São as raízes do que hoje somos e fazemos. Ficarmo-nos nele é não estar no presente. Vivê-lo a partir do presente, é fazer o caminho ao que amanhã virá.

É imensa a importância de *Canciones populares* para o espectáculo de ontem e de hoje, porque são do público, porque crescemos com elas e porque foram parte de nós. São o ponto de partida para o lugar onde hoje me encontro e um possível caminho para o que virá amanhã. A ideia principal é pôr em cena um disco que foi fonte de inspiração para muitos artistas. Transpor os temas de 1931 para o dia de hoje, com um entendimento musical, cénico e coreográfico que difere muito daquele que existia no seu tempo, mas

com o mesmo espírito de fazer chegar ao público letras e músicas que pertencem ao povo, que contam a maneira de viver de gerações passadas e que fazem parte de nós.

Rafaela Carrasco

O disco *Canciones populares*, sobre o qual se constrói este espectáculo, foi editado em 1931 e reúne um conjunto de canções populares seleccionadas por Federico García Lorca, que acompanha ao piano a mítica cantora, bailaora e coreógrafa, Argentinita.

Vamos al tiroteo, versiones de un tiempo pasado estreou em 2008 na XV Bienal de Flamenco de Sevilha onde arrebatou os prémios de melhor coreografia. Desde então tem sido apresentado em Espanha, Inglaterra, Finlândia e França, com enorme sucesso.

O Flamenco. Algumas notas

Os primeiros estudos académicos musicológicos e históricos sobre o flamenco surgem apenas nos finais dos anos 1970, inícios dos anos 1980. E são ainda muitas as questões a que não se sabe dar uma resposta definitiva. Não se conhece, por exemplo, a origem da designação flamenco. Há quem defenda que deriva da palavra hispano-árabe *fellahmengu* (que significaria “camponeses expulsos” e se referiria às perseguições que no século XV sofreram os povos andaluzes que estão na origem do flamenco); outros dizem que os espanhóis julgavam que os ciganos vinham da Flandres (quando na verdade chegam à Andaluzia, vindos da Índia, em meados do século XV), daí flamenco que também quer dizer flamengo; outros ainda relacionam o termo a *flamante* (ardente), dada a forma como é cantado e bailado. Nenhuma hipótese tem sustentação suficiente.

Quando se fala das origens do flamenco, é costume remontar-se ao período da ocupação moura da Andaluzia, em que pacificamente coabitavam mouros, judeus e ciganos, por se descortinarem, quer nas músicas, quer nas letras, influências desses três povos. A conquista de Granada pelos Reis Católicos e a dura perseguição que aos não cristãos foi feita pouco tempo depois por influência da Inquisição, terá contribuído para a fusão das suas culturas musicais. A comunidade cigana manteve no essencial a sua identidade e a sua marginalidade e é nela, embora não com exclusividade, que se vão consolidando as formas de canto e dança que, no seu conjunto, e na sua unidade,

se virá a chamar, pelo menos desde finais do século XVIII, flamenco.

Como é comum nas expressões artísticas populares, o flamenco foi-se moldando ao longo dos tempos, recebendo inúmeras influências. Detectam-se, por exemplo, quer nos ritmos quer nas formas musicais, elementos das chamadas “canções de ida e volta”, canções levadas pelos escravos africanos para as colónias da América e que retornam aos portos andaluzes (como sucedeu também com o fado de Lisboa).

Mas outros factores foram determinantes, como o desenvolvimento do acompanhamento musical, a progressiva fixação na guitarra como instrumento utilizado, a sua evolução (no final do século XVIII a guitarra predominante passa a ser a de seis cordas, em vez da de cinco cordas duplas, até aí mais usada), as novas técnicas criadas pelos guitarristas, o estabelecimento de ritmos próprios, de formas e estilos de canto, de coreografias.

O flamenco ainda hoje vai tomando novas formas, na música e no baile, no que muitos chamam de “novo flamenco”, e que tem no “flamenco-jazz” uma das suas manifestações. Camarón de la isla, Pedro Bacón, Paco de Lucia, Enrique Morente, Estrella Morente, Eva Yerbabuena, Miguel Poveda, Pastora Galván, Rafaela Carrasco, Israel Galván, são alguns dos nomes mais relevantes do flamenco contemporâneo.

Nos finais do século XIX e princípios do século XX dá-se uma transformação determinante na história do flamenco. Aquilo que era predominantemente uma prática intra-comunitária, sobretudo ligada a comemorações festivas, passa a ser um espectáculo que se oferece

ao público em “cafés cantantes”, com bilhete de ingresso pago, nas cidades andaluzas. Aqui se cristalizam os principais estilos ou *palos* do flamenco, ganham fama tocadores e bailarinos, e se inicia o que veio a ser uma imensa popularidade. Um dos artistas mais importantes desse período foi Silverio Franconetti, um marinheiro não cigano, de origem italiana, famoso por, ao que parece, ter sido o primeiro *cantaor* a cantar todos os *palos* que existiam ao tempo.

Dos cafés cantantes o flamenco passou para os teatros, saiu da Andaluzia e progressivamente foi conquistando o público de todo o mundo. Mas o seu berço, a origem dos seus principais artistas, continua a ser a região andaluza, apesar de se ter tornado uma forma artística nacional.

O flamenco exprime-se por três meios.

O *toque*, isto é, a música produzida pela guitarra (a que modernamente outros instrumentos por vezes se acrescentam), segundo técnicas próprias e modos e ritmos diversos. A guitarra introduz a tonalidade e o tempo, o ritmo, entra em diálogo com o *cantaor*, alonga-se em improvisações.

O *cante*, que se divide em dezenas de *palos* (há quem identifique mais de 70), com nomes como *Soleá*, *Fandango*, *Seguiriya*, *Tango*, *A Palo seco* (isto é, sem acompanhamento instrumental), *Bulería*, *Sevillana*, etc. São várias as tentativas de sistematização e classificação desses *palos* segundo critérios diversos. Para o não iniciado torna-se difícil distingui-los, tanto mais que quando são executados frequentemente se contam, afastando-se do que se poderiam chamar de formas puras.

Outra classificação do *cante* é a que distingue entre *cante jondo*, em que se exprimem sentimentos de desesperança, de emoções torturadas, de amor infeliz ou de morte (as *Seguiriyas* são um dos *palos* do *cante jondo*), o *cante chico*, em que predominam temas alegres (como nas *Bulerías* e *Sevillanas*) e o *cante inter-médio* que, como indica a designação, não é tão triste como o primeiro, nem tão alegre como o segundo.

O *baile*, que nas suas expressões mais tradicionais é uma dança a solo, quase sempre improvisada, combinando movimentos dos dedos, das mãos, dos braços, e sapateado, normalmente terminando cada secção com o característico *desplante*, o corpo arqueado para trás e a cabeça levantada em afirmação de orgulho ou de desafio, seja para o público, seja para o/a outro/a *bailaor* com que está a dialogar.

Essencial ao flamenco é o *compás*. Para além de significar a métrica, ou o ritmo, ou seja, o compasso da música clássica (e são utilizados numerosos compassos, sendo um dos mais característicos, por peculiar a esta música, e muito frequente, o de doze tempos, uma amálgama do 6/8 com o de 3/4, usado, por exemplo nas *Seguiriyas*, *Soleás* ou *Bulerías*) refere-se ainda ao ciclo rítmico de cada *palo*. É o esqueleto do flamenco e é preciso, como no jazz, “senti-lo”. As palmas ou a batida num instrumento de percussão é, a par do trabalho da guitarra ou do sapateado, uma maneira típica de marcar o *compás*. Mas se já experimentou tentar imitar as palmas dos artistas, marcando o ritmo e os pontos fortes, e não é músico, deve ter-se apercebido da dificuldade, dada a complexidade rítmica dos diversos *palos*.



Muitos dos poemas cantados são de grande beleza. Mas, infelizmente, difíceis de compreender, mesmo para quem seja fluente em castelhano, porque utilizam o dialecto andaluz. Ainda assim, mesmo sem percebermos por inteiro as palavras cantadas, a música, a forma de cantar e bailar, toca-nos profundamente.

Se nos centrarmos no *cante*, a estrutura clássica, esquematicamente, contém as seguintes partes: introdução pela guitarra; saída, em que o *cantaor* tempera a voz e entra no ritmo, entoando sons como “tirititrán”, “lerele”, “ai, ai, ai”; *cante* de preparação, a primeira parte do *cante*, sem grande dificuldade de execução, que serve para o *cantaor* ganhar forças para o que vem a seguir; *cante valiente*, a parte mais importante, em que avança numa complexa elaboração melódica, com tessituras altas, versos ligados cantados de um único e grande fôlego, em que se demonstra toda a grandeza (ou fraqueza...) do intérprete; e o remate, que classicamente se baseia na aceleração do tempo, na mudança de tonalidade.

Mas esta estrutura, que se dá aqui como exemplo, por poder ajudar na audição, é apenas uma aproximação esquemática à realidade, não só porque o flamenco está sempre em evolução, mas também porque muitos *palos* partem de estruturas diversas, com alterações na ordem das partes (por exemplo, rematando com um *cante valiente*), introduzindo repetições de partes (com três ou quatro *cantes*) e, sobretudo, porque o flamenco inclui uma forte componente de improvisação. As *bulerías*, por exemplo, não têm uma estrutura fixa ou sequer dominante, caracterizando-se por uma enorme

liberdade de forma. Em todo o caso, o mais comum é haver sempre uma fase de “aquecimento” antes de o *cantaor* se lançar em *jonduras*, dado que se assim não fizer, arrisca-se a danificar as cordas vocais, tal é a exigência que o *cante flamenco* faz às capacidades vocais.

Rafaela Carrasco

A atitude de Rafaela Carrasco a dançar flamenco pode resumir-se no título de uma peça de 2004 *Fuera de los límites*, criada com a bailarina Belén Maya. Carrasco, nascida em 1972, é uma das *bailaoras* flamencas mais importantes da geração mais jovem, e uma criadora revolucionária da coreografia flamenco. É uma bailarina sem limites, que explora novos conceitos, mantendo a essência e a integridade do flamenco verdadeiro. Carrasco começou a dançar sevilhanas quando tinha seis anos e logo se iniciou na dança clássica espanhola, na conhecida academia de Matilde Coral, em Sevilha. Terminados os estudos secundários, com dezassete anos passou a integrar a companhia de dança flamenco de Mario Baya. Aos 23 anos estreou-se como solista em Madrid e actuou como bailarina em espectáculos de diversos coreógrafos. Em 2002 Carrasco formou a sua própria companhia e nesse mesmo ano ganhou os prémios de Melhor Coreografia, Melhor Composição, Melhor Primeira Bailarina no Concurso de Coreografia Flamenca e Baile Español de Madrid. A Companhia de Rafaela Carrasco montou seis produções. Com o seu primeiro trabalho, *La Música del Cuerpo*, debuta no Festival de Jerez em 2003 com grande êxito. O *Washington Post* considera a sua obra *Una Mirada al Flamenco* “Uma exibição de bravura... coerente e fiel às suas raízes”. Em 2007 estreou *Del amor y Otras Cosas* no Festival de Jerez. *Vamos al Tiroteio* estreou na XV Bienal de Flamenco de Sevilha, ganhando o Giraldillo (o prémio máximo da Bienal)

e o Prémio da Imprensa para a Melhor Coreografia.

O seu último espectáculo *150 grs. de pensamientos*, estreou na Bienal de Flamenco de Sevilha em 2010.

Em 2011 estão previstas actuações em França, Holanda, Marrocos, Portugal, Rússia, Itália e diversas cidades espanholas.

No Performance's Land?



Performances

de Sex 15 a Dom 17 de Abril · M16

Organização Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA)
Apoios Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação Caixa Geral de Depósitos - Culturgest, Fundação para a Ciência e Tecnologia, Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, Instituto Italiano de Cultura, ISCTE-IUL

Sexta-feira 15 Abril · 21h00

Pequeno Auditório · Duração: 1h15

Silver & Gold

Nao Bustamante (EUA)

Sábado 16 Abril · 21h00/21h30/22h00

Garagem Culturgest

Duração: 20 min. cada sessão

Elena Ceausescu Wunderkammer

Idaperformers (Dinamarca)

Coreografia Ida Larsen

Performers Kir Qvortrup & Gry Raaby

Cenografia Joy Sun-Ra

Música Timo Kreuser

Sábado 16 Abril · 22h30

Pequeno Auditório · Duração: 50 min.

Cry Me; Oasis in the desert; War;

Performing the mirror; The shadow; Note off; Western meat market; Colors
3 Live performances & 5 video art
Francesca Fini (Itália)

Domingo 17 Abril · 19h30

Pequeno Auditório · Duração: 1h00

Poesia Sonora

Márcio-André (Brasil)

Domingo 17 Abril · 20h45

Sala 2 · Dur. 20 min.

"É prova de fogo e de bala"

(Ai! A Super-Artista incógnita)

Andrea Inocêncio (Portugal)

Domingo 17 de Abril · 21h30

Palco do Grande Auditório · Dur. 1h00

Filhos da Europa

João Garcia Miguel (Portugal)

Performer Nuno Cardoso e Sara Ribeiro

Música/videasta Rui Gato

Direcção técnica Luís Bombico

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

Conselho de Administração

Presidente

António Maldonado
Gonelha

Administradores

Miguel Lobo Antunes
Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos
Pietra Fraga

Direcção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos
Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção e Montagem

António Sequeira Lopes

Produção

Paula Tavares dos Santos

Montagem

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira
Rita Duarte *estagiária*

Publicações

Marta Cardoso
Rosário Sousa Machado

Actividades Comerciais

Patrícia Blázquez

Clara Troni

Catarina Carmona

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direcção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direcção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direcção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

chefe de áudio

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo *chefe*

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

Alcino Ferreira
Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho
Edgar Andrade

Recepção

Sofia Fernandes
Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Colecção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 - Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt - www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo

